

MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli. *Eu vi um Brasil na TV: televisão e cultura em perspectivas antropológicas*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008.

Denise Fagundes Jardim

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: dfjardim@portoweb.com.br

Em uma conversa corriqueira, ninguém parece ver TV, mas todos sabem o que se passa através da e na TV. Essa desvalorização simbólica não coincide com o difundido “temor” sobre sua presença e o reconhecimento de sua enorme influência. Ela, TV, impura por princípio, resgatada como símbolo de modernidade e fonte de inovação, continua sendo avaliada quanto a sua qualidade e impacto social. Terreno de reflexões e paradoxos, sempre é bom perguntar: qual é o seu estilo de ver TV?

Ter “cultura” para decifrar esses códigos (complexos e cambiantes) é uma exigência *a priori* e muito comum que habilita enfrentar o debate e, neste trabalho, se converte em uma afirmação extremamente inquietante a ser analisada. Frequentemente, delegamos a especialistas a capacidade de decodificar as entrelinhas da informação ou a capacidade de desenvolver os efeitos benéficos ou não das imagens veiculadas pelos meios de comunicação e discorrer sobre eles. Todavia, quando identificamos pessoas “autorizadas” a realizar as tais leituras críticas (e excluimos outras pessoas), muitas vezes, além de delegar uma capacidade maior de interpretação da mensagem televisiva e usufruir dessas considerações, estamos, ao mesmo tempo, anunciando quem é esse “outro” incapaz de ver aquilo que só nós podemos ver e conhecer.

Esse livro se constrói a partir de inúmeras inquietações quanto ao efeito de tal violência simbólica, que destitui os “outros” da possibilidade de “conhecer” e refletir sobre a veiculação de informação televisiva e da própria televisão. A interatividade é a palavra do dia, e a conexão com outras mídias, cada vez mais propagada e desejada, torna a televisão ainda mais presente nas interações e nas relações sociais.

Retoma-se o longo trajeto de reflexões sobre a televisão e os inúmeros especialistas que nos fizeram pensar sobre esse “eletrodoméstico” que a cada dia sofre uma metamorfose tecnológica tanto nas formas de conectar-se a outras mídias quanto nas formas de veicular as informações. Especificamente, a proposta desse livro é de que percebamos um percurso de reflexões sobre a TV já traçadas pelas ciências sociais e pela antropologia, e vejamos de perto o que fazem as pessoas com a TV. Mais do que investigar o fluxo de informação ou o uso do eletrodoméstico em sua casa, já hipercomentados pelas ciências sociais, a aproximação desse trabalho revela especializações e conceitos elaborados sobre o “povo brasileiro” e sobre os “Brasis” retratados na mídia televisiva.

A proposta da autora é a de lançar

[...] um questionamento aos estudos de recepção sob a ótica do trabalho de campo: busco o motivo da crítica à televisão manter-se, na visão dos pesquisados, longe da perspectiva de múltiplas leituras por parte dos receptores. Esta reflexão é logo a seguir ampliada para apontar que há distintas concepções de cultura sendo utilizadas de modo concomitante e paradoxal no debate sobre os meios de comunicação na sociedade contemporânea (p. 11).

A televisão é tratada como fonte de informação sobre a qual os sujeitos refletem e através da qual se posicionam perante o mundo social. Através desse trabalho, percebemos que as informações veiculadas na TV nos permitem ingressar em um conjunto de reflexões sobre o mundo social dos entrevistados, dotado de historicidade e reflexividade. Portanto, podemos indagar: tal interatividade atribuída à TV se reduz à renovação da capacidade tecnológica?

Para refletir sobre o lugar simbólico da televisão hoje, aprendemos com esse estudo que temos que pensar na maneira como nós, inclusive na prática de pesquisa, nos relacionamos com ela. Por vezes mimetizada na paisagem ou colocada no centro da sala, sabemos que o lugar que conferimos a esse veículo revela inúmeras preocupações de seus usuários não só sobre a informação veiculada, mas, sobretudo, sobre as formas de poder que experimentamos e sobre o controle daquilo que se pensa sobre ela, TV, e sobre seus “efeitos”. Nessa longa e duradoura relação com a mídia televisiva, Nara Magalhães mostra-nos uma especialização crescente nas formas de analisar e perceber a mensagem televisiva.

Sobre os “outros”, imaginamos muitas coisas, a começar por sua incapacidade em calcular os efeitos negativos da TV. Entretanto, o esforço de Nara Magalhães foi o de pesquisar sujeitos de camadas médias. Bem, os sujeitos não se encaixariam no imaginado “popular” ou “sujeito médio” que é fruidor de bens culturais veiculados pela TV. Pelo menos, aos seus próprios olhos, a televisão não deveria estar em um lugar central de suas vidas. Se, em geral, a pesquisa busca desvendar os usuários da TV, nada melhor do que centrar as atenções naqueles que se dizem refratários a ouvir, olhar e ver TV. Em muitos aspectos, eles se parecem conosco, sujeitos críticos da informação televisiva. Nesse sentido, sua proposta rompe com uma prática comum em antropologia de decifrar outro “exótico” e distante que expressaria um gosto popular (pressupondo uma distância diametral aos saberes letrados) e passa a analisar um conjunto de interlocutores: “[...] médicos, advogados, comerciantes, funcionários públicos, bancários, professores, donas de casas”, entre outros.

Para os antropólogos, consiste em retomar as lições sobre etnocentrismo e revelar que as dificuldades de lidar com a diferença cultural não se expressam somente na dificuldade de reconhecimento de outra estética (de alteridades), mas se travam em outros planos. Reconhecer o “outro” como um interlocutor capaz de pensar e refletir tem sido o nosso desafio contemporâneo em nossa sociedade. Quantas vezes inferimos que o “popular” não sabe, não percebeu e

se deixa levar facilmente por informações televisivas e que “nós” saibamos algo mais, posto que detemos algo a mais, não mais a humanidade, mas o monopólio da reflexividade? Afinal, somos os únicos capazes de ver aquilo que estaria nas entrelinhas da informação ou de refletir sobre o poder televisivo?

A proposta geral da pesquisa realizada instiga a refletir sobre a prática do trabalho de campo qualitativo e observar o que os interlocutores fazem com a mídia, tornando esse um dos temas transversais, seja no debate sobre inovações jurídicas e/ou formas de acesso, seja no debate sobre cidadania. Note-se que a proposta de Nara Magalhães é que tal debate é permeado pela influência ou pelo protagonismo da televisão, sem cair diretamente no tema da manipulação, já tão debatido em ciências sociais e na comunicação. Essa batalha simbólica sobre os avanços e os recuos de noções de igualdade de acessos e justiça social ecoa na mídia e incomoda os pesquisadores em campo. Para pesquisar o que pensam os sujeitos de “carne e osso”, temos de lidar com um sujeito enorme e descorporificado, sintetizado na televisão e que tinha na internet uma espécie de trincheira da livre opinião. Afinal, o que podemos pensar sobre tais assuntos durante a realização de um trabalho etnográfico, ou melhor, em qualquer trabalho de campo, especialmente quando temos que disputar com a TV a atenção de nossos entrevistados? O trabalho em questão nos permite refletir não só sobre a TV, mas sobre a elaboração de conhecimentos sobre a mídia.

O livro é a publicação da tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSC, acolhida pela editora da Universidade de Santa Maria. Publicar teses parece algo redundante, entretanto a circulação da materialidade de um livro é uma aposta também na ampliação de interlocutores que se interessam pela temática e que descubram o que a perspectiva antropológica tem aportado ao debate sobre a mídia. Ele está organizado em duas partes. A primeira é dedicada à prática de pesquisa de campo, delineando o universo de investigação e os desafios interpretativos. Os dois capítulos que compõem essa parte tratam da inserção em campo, problematizando categorias locais utilizadas no contexto da

recepção da mensagem televisiva e, sobretudo, explorando o repertório das “imagens de si e dos outros” extraídas da interlocução desses sujeitos com a pesquisadora sobre a TV. Na segunda parte do livro retoma-se o diálogo com as teorias da recepção e, especialmente, o lugar que o debate sobre a cultura brasileira e a cultura letrada construiu como possibilidade de interpretação do impacto da TV na sociedade brasileira e nos grupos populares. A perspectiva da autora é de nos instigar a pensar sobre os parâmetros que utilizamos para refletir sobre o lugar da mídia televisiva na cultura brasileira, recuperando preconceitos arraigados no debate de especialistas sobre a cultura e a identidade nacional.

Os leitores de diferentes áreas do conhecimento são provocados a pensar o trabalho de campo antropológico não exatamente como uma ferramenta de pesquisa qualitativa para chegar a aspectos não aparentes. O que fazer com as informações e reflexões manifestas pelos interlocutores durante o trabalho de campo? Qual o estatuto conferido aos “nativos”, “informantes” ou “interlocutores”? Essa sutileza revela nuances fundamentais em uma pesquisa e na relação dialógica esperada na área da antropologia. Nas propostas de Nara Magalhães, a mídia se converte, de um sujeito a mais, em campo. Portanto, é um tema sobre o qual os pesquisadores merecem refletir e a partir do qual perceber os nativos como sujeitos especialistas, que cultivam interpretações e detêm experiências diretas com jornalistas, e as maneiras de responder a reportagens e mesmo fazer uso da veiculação televisiva.

Afinal, não raro, o trabalho de campo acabava tornando indizível tratar dos modos como a televisão permeia o cotidiano de nossos interlocutores. E, por que não lembrar, que tal invisibilidade guarda uma relação direta com o que os pesquisadores pensam sobre o lugar da TV em seu próprio sistema de valores. Tal postura permite retomar o ponto no qual paramos na reflexão sobre a antropologia da recepção da mídia e avançar em outra direção.

A autora nos oferece as ferramentas analíticas que estão em uso ao historicizar o debate sobre TV entre especialistas e nos proporciona uma aproximação com as formas de refletir, ponderar, re-

conhecer códigos e retóricas de poder de seus entrevistados, necessárias para incorporar a presença da mídia em qualquer universo de pesquisa.

Através da reflexão sobre TV, esse trabalho nos oferece um conjunto de questionamentos e se detém nas formas de conhecer a realidade e refletir sobre o mundo social, manejadas pelos entrevistados e detectadas a partir da observação participante e da pesquisa de campo antropológica. Por certo, uma das razões desse livro, e que justifica uma leitura atenta de sua proposta, é a capacidade de nos provocar a pensar sobre os modos como nos acostumamos a não pensar sobre a televisão e nossos estilos de ver e desqualificar a TV.

Recebido em: 01/11/2010

Aceite em: 15/11/2010